

Cláudia Souza*

Universidade de Lisboa

Nuno Ribeiro**

Universidade Nova de Lisboa

Fernando Pessoa: crítico em língua inglesa

* Membro do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

** Pós-doutorando do IELT — Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, com uma bolsa financiada pela FCT, Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BPD/121514/2016), ao abrigo do programa do FSE.

1

A educação de Pessoa em Durban e os seus escritos ingleses

A edição dos *Writings on Art and Poetical Theory* (PESSOA, 2022a) apresenta uma selecção dos escritos de Fernando Pessoa sobre arte e teorização poética, originalmente escritos em inglês. Na obra de Pessoa encontramos não só escritos literários e ficcionais, mas também uma multiplicidade de textos teóricos sobre os mais diversos assuntos relativos aos movimentos artísticos, à literatura e aos escritores. Uma das dimensões mais importantes da escrita de Pessoa corresponde aos seus textos críticos e ensaísticos. Ao longo da sua vida, Pessoa publicou uma série de escritos críticos e de teoria literária — quase todos em português¹ — que foram importantes para a constituição do modernismo em Portugal. Para além desses textos escritos em português, o espólio de Pessoa contém uma série de textos ingleses sobre crítica literária que ficaram inéditos e que o poeta e pensador português pretendia publicar no estrangeiro.

Os escritos ingleses de Pessoa são resultado da sua educação. Pessoa passou a maior parte da sua infância e adolescência em Durban, na África do Sul, onde viveu entre 1896 e 1905, tendo recebido uma educação inglesa, na sequência do casamento da sua mãe, Maria Madalena Pinheiro Nogueira, com João Miguel Rosa, o padraсто de Pessoa, que era cônsul em Durban. A importância da educação inglesa de Pessoa é sublinhada por Hubert D. Jennings no capítulo “Fernando Pessoa in South Africa” do livro *Fernando Pessoa: The Poet with Many Faces*: ▶

¹ Uma excepção corresponde a uma obra da juventude de Pessoa sobre “Macaulay” escrita originalmente em inglês e publicada em *The Durban High School Magazine*, em Dezembro de 1904. Para mais informações a este respeito, veja-se a seguinte referência: Bothe, 2013: 169-174.

Foi uma “*saída providencial*”, como descreve Armand Guibert, que levou Fernando Pessoa à África do Sul. Em 6 de Janeiro de 1896, ele e a sua mãe partiram de Lisboa para Durban, onde passariam os próximos dez anos de sua vida. A experiência, e em particular a educação inglesa que aí recebeu, transformaria a sua vida, permearia a sua obra e deixaria uma influência marcante nas tendências literárias do Portugal moderno.

[It was an “*exutoire providentiel*,” as Armand Guibert describes it, which took Fernando Pessoa to South Africa. On January 6, 1896, he and his mother left Lisbon for Durban, where he was to spend the next ten years of his life. The experience, and particularly the English education he received there, was to transform his life, permeate his work, and leave a marked influence upon the literary trends of modern Portugal. (JENNINGS, 2019: 31)]²

Em Durban, Pessoa estuda primeiro na Convent School of Saint Joseph’s (1896–1899) e é transferido 1899 para a Durban High School, onde continua o seu percurso educacional sob a direcção de “jovens licenciados em Oxford ou Cambridge” (“young graduates from Oxford or Cambridge”) (JENNINGS, 2019: 43), conforme nos informa Jennings. Durante este período, Pessoa lê os mais diversos autores da tradição literária inglesa, que viriam a tornar-se uma presença constante na sua obra. Numa carta escrita em 1932 a José Osório de Oliveira, Pessoa — referindo-se aos livros e autores que mais o influenciaram — apresenta-nos um testemunho relevante de quão importante foi a literatura inglesa para ele nesse período formativo na África do Sul: ▶

² As traduções do original são da nossa responsabilidade, salvo nos casos em que indicamos a referência bibliográfica de uma tradução.

Em minha infância e primeira adolescência houve para mim, que vivia e era educado em terras inglesas, um livro supremo e envolvente — os *Pickwick Papers*, de Dickens; ainda hoje, e por isso, o leio e releio como se não fizesse mais que lembrar.

Em minha segunda adolescência dominaram meu espírito Shakespeare e Milton, assim como, acessoriamente, aqueles poetas românticos ingleses que são sombras irregulares deles; entre estes foi talvez Shelley aquele com cuja inspiração mais convivi.

No que posso chamar a minha terceira adolescência, passada aqui em Lisboa, vivi na atmosfera dos filósofos gregos e alemães, assim como na dos decadentes franceses, cuja acção me foi subitamente varrida do espírito pela ginástica sueca e pela leitura da *Dégénérescence*, de Nordau. (PESSOA, 1999: 278-279)

Num documento intitulado “Influências”, Pessoa faz um relato detalhado de outros poetas que foram importantes para ele durante a sua estadia na África do Sul:

1904-1905 — Influências de Milton e dos poetas ingleses da época romântica — Byron, Shelley, Keats e Tennyson. (Também, um pouco depois, e influenciando primeiro o *contista*, Edgar Poe.) Ligeiras influências também da escola de Pope. Em prosa, Carlyle. Restos de influências de subpoetas portugueses lidos na infância.
— Neste período a ordem das influências foi, pouco mais ou menos: 1) Byron; 2) Milton, Pope e Byron; 3) Byron, Milton, Pope, Keats, Tennyson e ligeiramente Shelley; 4) Milton, Keats,

Tennyson, Wordsworth e Shelley; 5) Shelley,
Wordsworth, Keats e Poe. (PESSOA, 2003: 150)

Tanto a carta enviada a Osório de Oliveira quanto o documento intitulado “Influências” apresentam apenas alguns dos poetas ingleses lidos por Pessoa em Durban. Ao longo da sua Biblioteca Particular e dos documentos presentes no espólio de Pessoa existem várias outras pistas que nos permitem compreender que o impacto da literatura inglesa em Fernando Pessoa vai além dos nomes referenciados naqueles dois textos. Com efeito, durante toda a sua vida, o autor português nunca abandona o interesse pelos autores da história da literatura inglesa. Pessoa trabalha em Lisboa como tradutor de cartas comerciais em inglês (e francês). Também publica traduções para português de autores ingleses, tais como Wordsworth, Coleridge, Shelley, Elizabeth e Robert Browning, Poe e Crowley, conforme nos elucidava Arnaldo Saraiva no seu livro *Fernando Pessoa Poeta — Tradutor de Poetas* (SARAIVA, 1996). O facto de o espólio de Pessoa conter milhares de páginas escritas originalmente em inglês constitui-se também como testemunho do comprometimento de Fernando Pessoa com a literatura inglesa. Todas as evidências que temos vindo a apresentar possibilitam-nos compreender o impacto da educação inglesa de Pessoa não só na sua obra, mas também na sua vida. ●

2

O Espaço literário plural e os escritos sobre arte e teoria poética

Os escritos de Pessoa sobre arte e teoria poética devem ser considerados no contexto do desenvolvimento de um espaço literário plural. Numa nota solta escrita por Fernando Pessoa lemos: “Sê plural como o universo!” (PESSOA, 2022a: 40). É precisamente isto que o poeta e pensador português tenta alcançar com a sua obra através da criação de uma multiplicidade de autores literários ficcionais encarregados de assinar diferentes textos e de assumir uma pluralidade de tarefas literárias, que é o que encontramos na base da teoria heteronímica pessoana.

O conceito de heterónimo, tal como criado por Pessoa, é diferente de um simples pseudónimo. Na “Tábua Bibliográfica” publicada pelo autor português em 1928, no número 17 da revista *Presença*, lemos a esse respeito:

O que Fernando Pessoa escreve pertence a duas categorias de obras, a que poderemos chamar ortónimas e heterónimas. Não se poderá dizer que são autónimas e pseudónimas, porque de veras o não são. A obra pseudónima é do autor em sua pessoa, salvo no nome que assina; a heterónima é do autor fora de sua pessoa, é de uma individualidade completa fabricada por ele, como seriam os dizeres de qualquer personagem de qualquer drama seu.

As obras heterónimas de Fernando Pessoa são feitas por, até agora, três nomes de gente — Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos. Estas individualidades devem ser consideradas como distintas da do autor delas.

(PESSOA, 2022a: 119-120) ▶

De acordo com este texto, as obras de Pessoa podem ser distinguidas em duas categorias: as ortónimas, assinadas por Pessoa em seu próprio nome, e as heterónimas, assinadas por autores ficcionais. As obras heterónimas são diferentes das obras meramente pseudónimas, uma vez que as pseudónimas são escritas pelo autor em sua pessoa, isto é, com a simples mudança de nome, enquanto as obras heterónimas são escritas pelo autor fora da sua pessoa, isto é, como se fossem escritas por uma individualidade autoral diferente da do seu criador. Assim, a criação de um heterónimo corresponde à criação de um autor fictício literário com os seus próprios escritos, a sua própria biografia, a sua própria forma de ver o mundo e o seu próprio estilo, tal como se as obras que um heterónimo produz fossem escritas por uma pessoa completamente diferente. Num fragmento de um texto intitulado *Aspectos*, que corresponde a uma introdução à publicação das obras dos heterónimos, lemos a esse respeito:

A cada personalidade mais demorada, que o autor destes livros conseguiu viver dentro de si, ele deu uma índole expressiva, e fez dessa personalidade um autor, com um livro, ou livros, com as ideias, as emoções, e a arte dos quais, ele, o autor real (ou porventura aparente, porque não sabemos o que seja a realidade), nada tem, salvo o ter sido, no escrevê-las, o médium de figuras que ele próprio criou.

Nem esta obra, nem as que se lhe seguirão, têm nada que ver com quem as escreve. Ele nem concorda com o que nelas vai escrito, nem discorda. Como se lhe fosse ditado, escreve; e, como se lhe fosse ditado por quem fosse amigo, e portanto com razão lhe pedisse para que escrevesse o que ditava, acha interessante — porventura só por amizade — o que, ditado, vai escrevendo. (PESSOA, 2022a: 112-113) ▶

De acordo com a “Tábua Bibliográfica”, as únicas personalidades que Pessoa considera terem atingido o estatuto de heterónimo corresponde ao nome de três das suas criações literárias: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. No entanto, a edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith intitulada *Sobre a Heteronímia* (2022a) chama a atenção para o facto de, na obra de Pessoa, existirem indícios que nos possibilitam constatar que o autor português pretendia empregar o termo heterónimo para além das três personalidades indicadas na “Tábua Bibliográfica”, como é o caso de uma carta a João Gaspar Simões datada de 28 de Julho de 1932, onde o autor português nos fala de um heterónimo astrólogo, ou ainda da carta sobre a génese dos heterónimos enviada a Adolfo Casais Monteiro e datada de 13 de Janeiro de 1935, onde Fernando Pessoa afirma que o seu primeiro heterónimo foi Chevalier de Pas, conforme nos explicam Cabral Martins e Zenith no texto introdutório à lista de “Heterónimos e autores fictícios” presente em *Sobre a Heteronímia*:

Na sua “Tábua Bibliográfica” publicada na revista *Presença*, em 1928, Pessoa nomeou apenas Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos como autores das suas “obras heterónimas”, mas numa carta sua de 1932 disse a João Gaspar Simões que “um ou outro” heterónimo ainda deveriam aparecer, “incluindo um astrólogo” (Raphael Baldaya, evidentemente), e na carta de 1935 sobre a génese dos heterónimos chamou ao Chevalier de Pas “o meu primeiro heterónimo, ou, antes, o meu primeiro conhecido inexistente”. (PESSOA, 2022a: 15)

Para além dos heterónimos, Pessoa atribui o nome de semi-heterónimo a Bernardo Soares, que foi o autor ficcional encarregado de assinar o *Livro do Desassossego* na sua etapa

final. Na carta sobre a génese dos heterónimos, escrita a 13 de Janeiro de 1935 e enviada a Adolfo Casais Monteiro, lemos a seguinte descrição de Bernardo Soares como um semi-heterónimo:

O meu semi-heterónimo Bernardo Soares, que aliás em muitas coisas se parece com Álvaro de Campos, aparece sempre que estou cansado ou sonolento, de sorte que tenha um pouco suspensas as qualidades de raciocínio e de inibição; aquela prosa é um constante devaneio. É um semi-heterónimo porque, não sendo a personalidade a minha, é, não diferente da minha, mas uma simples mutilação dela. Sou eu menos o raciocínio e a afectividade. A prosa, salvo o que o raciocínio dá de *tenué* à minha, é igual a esta, e o português perfeitamente igual; ao passo que Caeiro escrevia mal o português, Campos razoavelmente mas com lapsos como dizer «eu próprio» em vez de «eu mesmo», etc., Reis melhor do que eu, mas com um purismo que considero exagerado. O difícil para mim é escrever a prosa de Reis — ainda inédita — ou de Campos. A simulação é mais fácil, até porque é mais espontânea, em verso. (PESSOA, 2022a: 172)

De acordo com este excerto, a diferença entre um heterónimo e o semi-heterónimo corresponde à maneira de escrever, isto é, ao estilo. Enquanto o heterónimo é diferente do seu criador no seu estilo, o semi-heterónimo é apenas diferente na sua maneira de pensar e compreender o mundo, mas com o mesmo estilo de escrita do seu criador, uma vez que Pessoa afirma explicitamente que, embora Bernardo Soares seja uma *mutilação* da personalidade do autor que o cria, tem o mesmo estilo de prosa do seu criador. ▶

Contudo, a criação pessoana de autores ficcionais não se circunscreve às categorias de heterónimo e semi-heterónimo. No espólio de Pessoa encontramos uma multiplicidade de outras personalidades criadas em conjunto com os heterónimos e com o semi-heterónimo Bernardo Soares. Embora exista um extenso debate sobre como designar estas personalidades — uma vez que Pessoa não nos oferece uma indicação definitiva a esse respeito —, existe um relativo consenso em designá-las como personalidades literárias ou ainda autores fictícios.

A criação destas personalidades literárias não-heteronímicas abrange um vasto conjunto de criações literárias, que vão desde autores ficcionais com apenas alguns fragmentos até personalidades mais complexas, com biografias e assinando diferentes tipos de textos. Entre estas personalidades literárias encontramos uma multiplicidade de autores fictícios ingleses, alguns dos quais estabelecem um diálogo estreito com as obras das criações heteronímicas. Esse é o caso de I. I. Crosse e Thomas Crosse, que assinam textos — incluídos na edição dos *Writings on Art and Poetical Theory* —, que analisam as obras dos heterónimos Alberto Caeiro e Álvaro de Campos³ e, no caso de Thomas Crosse, referem inclusivamente o nome de outras personalidades, tal como António Mora⁴, uma personalidade literária neo-pagã a quem é atribuída a tarefa de escrever textos sobre

3 No que respeita a I. I. Crosse, encontramos os seguintes textos sobre heterónimos pessoanos, publicados em *Writings on Art and Poetical Theory*: “Álvaro de Campos is one of the very greatest rhythmists” (Pessoa, 2022b: 8-10) e *Caeiro and the Pagan Reaction* (Pessoa, 2022b: 11-13). Relativamente a Thomas Crosse, publicamos nessa edição o único fragmento de *Alberto Caeiro — Translator’s Preface* que contém a assinatura dessa personalidade literária (Pessoa, 2022b: 14-17).

4 A referência a António Mora aparece em *Alberto Caeiro — Translator’s Preface* de Thomas Crosse, onde lemos: “Dr. Antonio Mora, explaining him on the lines of a similar philosophy — on discipular lines, perhaps — has left this aspect of him out; and that is why I do not feel it supererogatory to call attention to it. Dr. Mora is also a Pagan, in the same complete and Greek sense that Caeiro is a Pagan. So, to Dr. Mora, Caeiro is a great poet, but hardly a *strange* poet. He is great because he has brought back the Pagan sense of the world; he is not strange because Dr. Mora thinks the Pagan sense of the world a *possible* sense in our time. Now the great point is that the Pagan sense of the world is impossible; and the formidable (there is no other word) originality of Caeiro lies in that he has realized this impossibility.” (Pessoa, 2022b: 16)

a reconstrução do paganismo e criar uma filosofia pagã a partir da análise da poesia de Caeiro.

Na base da criação dos heterónimos, do semi-heterónimo e das personalidades literárias não-heteronímicas encontra-se um conjunto de personalidades que, no âmbito dos estudos pessoanos, têm sido designadas como pré-heterónimos. Na carta sobre a génese dos heterónimos lemos:

Desde criança tive a tendência para criar em meu torno um mundo fictício, de me cercar de amigos e conhecidos que nunca existiram. (Não sei, bem entendido, se realmente não existiram, ou se sou eu que não existo. Nestas coisas, como em todas, não devemos ser dogmáticos). Desde que me conheço como sendo aquilo a que chamo eu, me lembro de precisar mentalmente, em figura, movimentos, carácter e história, várias figuras irreais que eram para mim tão visíveis e minhas como as coisas daquilo a que chamamos, porventura abusivamente, a vida real. Esta tendência, que me vem desde que me lembro de ser um eu, tem-me acompanhado sempre, mudando um pouco o tipo de música com que me encanta, mas não alterando nunca a sua maneira de encantar. (PESSOA, 2022a: 166-167)

Estudos recentes, como *Teoria da Heteronímia* (PESSOA, 2012) de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith e *Eu Sou uma Antologia: 136 autores fictícios* (PESSOA, 2013) de Jerónimo Pizarro e Patrício Ferrari, mostram que Fernando Pessoa criou mais de 100 personalidades, a maior parte das quais foi produzida durante o período pré-heteronímico. Esta criação de pré-heterónimos passou por diversas fases, tal como Pessoa afirma explicitamente na carta sobre a génese dos heterónimos: ▶

Esta tendência para criar em torno de mim um outro mundo, igual a este mas com outra gente, nunca me saiu da imaginação. Teve várias fases, entre as quais esta, sucedida já em maioridade. Ocorria-me um dito de espírito, absolutamente alheio, por um motivo ou outro, a quem eu sou, ou a quem suponho que sou. Dizia-o, imediatamente, espontaneamente, como sendo de certo amigo meu, cujo nome inventava, cuja história acrescentava, e cuja figura — cara, estatura, traje e gesto — imediatamente eu via diante de mim. E assim arranjei, e propaguei, vários amigos e conhecidos que nunca existiram, mas que ainda hoje, a perto de trinta anos de distância, oiço, sinto, vejo. Repito: oiço, sinto vejo... E tenho saudades deles. (PESSOA, 2022a: 167-168)

Um exemplo de uma produção literária criada durante o período pré-heteronímico corresponde ao *Essay on Poetry*, que é publicado nos *Writings on Art and Poetical Theory* e passou pela assinatura de três pré-heterónimos: primeiro, Doctor Pancratium, cujo nome aparece riscado numa das versões desse projecto; segundo, Professor Trochee, que assume em seguida a autoria do ensaio; terceiro, Professor Jones, que aparece associado ao título do *Essay on Poetry* num fragmento do espólio pessoano; por fim, existem ainda dois testemunhos sem qualquer atribuição autoral.⁵

É no contexto da criação de um espaço literário plural definido pela criação de uma pluralidade de autores fictícios que se deve considerar a produção de escritos sobre arte e teoria poética. Mesmo no caso dos textos não assinados, devemos considerá-los como múltiplas perspectivas ou pontos de vista sobre diferentes assuntos ou autores. Essa mudança de perspectivas encontra-se expressa num texto assinado por Pessoa em seu próprio nome e publicado, em 1915, com o título “Crónica da vida que passa”, onde lemos: ▶

⁵ Para uma consulta das diferentes versões do *Essay on Poetry* publicadas em *Writings on Art and Poetical Theory*, veja-se: Pessoa, 2022b: 2-7; 140-154.

Uma criatura de nervos modernos, de inteligência sem cortinas, de sensibilidade acordada, tem a obrigação cerebral de mudar de opinião e de certeza várias vezes no mesmo dia. Deve ter, não crenças religiosas, opiniões políticas, predilecções literárias, mas sensações religiosas, impressões políticas, impulsos de admiração literária. (PESSOA, 2000: 105-6)

Este texto resume a atitude geral de Pessoa ao longo da sua obra e, por conseguinte, a atitude presente nos escritos sobre arte e teoria poética. A teorização poética de Fernando Pessoa é, portanto, uma teorização plural, dentro de um espaço literário plural. ●

Bibliografia

JENNINGS, Hubert D. *Fernando Pessoa: The Poet with Many Faces*. Edited by Carlos Pitella. Lisboa: Tinta-da-china, 2019.

PESSOA, Fernando. *Correspondência 1923-1935*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.

_____. *Crítica — Ensaios, Artigos e Entrevistas*. Edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.

_____. *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*. Edição e posfácio de Richard Zenith. Colaboração de Manuela Parreira da Silva. Tradução de Manuela Rocha. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

_____. *Eu sou uma antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china, 2013.

_____. *Sobre a Heteronímia*. Edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2022a.

_____. *Teoria da Heteronímia*. Edição de Richard Zenith e Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim, 2012.

_____. *Writings on Art and Poetical Theory*. Edited, with notes and an introduction by Nuno Ribeiro and Cláudia Souza. New York: Contra Mundum Press, 2022b.

SARAIVA, Arnaldo. *Fernando Pessoa Poeta — Tradutor de Poetas*. Porto: Lello Editores, 1996. ●